EDITORA-EXECUTIVA
Renata Pettengill

SUBGERENTE EDITORIAL
Marcelo Vieira

ASSISTENTE EDITORIAL
Samuel Lima

ESTAGIÁRIA
Georgia Kallenbach

REVISÃO
Renato Carvalho

CAPA
Leonardo Carvalho

DIAGRAMAÇÃO
Futura

TÍTULO ORIGINAL
New York to Dallas

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Robb, J. D., 1950-
R545v Viagem mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb; tradução Renato Motta. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
recurso digital

Tradução de: New York to Dallas
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5838-045-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título.

21-69777 CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Copyright © 2011 by Nora Roberts
Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

2021
Produzido no Brasil

Material com direitos autorais

Produced in Brazil

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Seja um leitor preferencial. Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Material com direitos autorais

O Presente é a viva soma total do passado.

— THOMAS CARLYLE

Espanta-me, em verdade
O que fizemos, tu e eu, Até nos amarmos?

— JOHN DONNE

Material com direitos autorais

Capítulo Um

Enquanto uma tempestade de fim de verão castigava a minúscula janela da sua sala, a tenente Eve Dallas implorava por um assassinato.

Na sua percepção, um bom e sangrento homicídio era a única coisa que poderia salvá-la da tortura de lidar com a papelada que se erguia, como um monte alpino, de sua mesa na Central de Polícia. Culpa da própria tenente, sem dúvida. Mas ela estivera muito ocupada nas últimas semanas, investigando e encerrando casos; não tivera chance de mergulhar em orçamentos, relatórios de despesas e malditas fichas de avaliação da equipe.

Dizer a si mesma que aquilo fazia parte do trabalho não ajudava quando ela precisava de fato meter a mão na massa, e havia muita massa. Por isso havia se trancado na sala com uma quantidade exagerada de café e se perguntava por que alguém não matava outra pessoa lá fora para salvá-la daquele pesadelo.

Não era certo, disse a si mesma. Pelo menos, não de todo. Mas, já que as pessoas sempre se matavam, por que não *agora*?

Encarou os números na tela do computador até os olhos latejarem. Praguejou, fez cara feia e bufou; em seguida, enxugou, arredondou e manipulou os números até fazer com que o valor do

Material com direitos autorais

minguado orçamento do departamento se ajustasse às necessidades da divisão que comandava.

Eles eram policiais de homicídios, pensou, com um travo ressentido na boca. Só que assassinatos não se resumiam a sangue.

Ela seguiu adiante e passou para os relatórios de despesas apresentados pelos seus policiais e detetives.

Será que Baxter realmente achava que ela ia engolir 375 dólares por um par de sapatos só porque ele ferrara o antigo ao perseguir um suspeito pelo esgoto? E por que diabos Reineke tinha desembolsado o dobro do valor de tabela para uma acompanhante de rua licenciada em troca de informações?

Ela parou, pegou mais café e ficou observando a brutalidade da tempestade durante mais alguns minutos. Pelo menos, não estava lá fora, imprensada como uma rolha molhada em um dos bondes aéreos que faziam tudo estremecer; nem tentava avançar com sua viatura através do trânsito infernal. Poderia estar encharcada, suando como uma porca no meio da interminável onda de calor que o verão de 2060 despejava sem dó sobre a cidade de Nova York.

Procrastinando, pensou, indignada consigo mesma, e se forçou a sentar novamente à mesa. Prometeu a si mesma que terminaria antes da cerimônia marcada para aquela tarde. Ela e a parceira receberiam medalhas. Peabody tinha feito jus a uma e merecia até mais, pensou Eve, como catalisadora da ação que derrubara uma quadrilha de policiais corruptos.

Se a burocracia era a parte enfadonha do comando, indicar o nome de Peabody para a Medalha de Honra ao Mérito por Integridade tinha sido um bônus. Tudo o que ela precisava fazer

Material com direitos autorais

era terminar aquele trabalho mecânico para poder aproveitar o momento com a cabeça fria e a consciência leve.

Ansiava por uma barra de chocolate, mas ainda não havia descoberto um novo esconderijo para frustrar o nefasto ladrão de chocolates. De repente, desejou poder despejar parte daquela porcaria em cima de Peabody, do jeito que fazia quando ela ainda era sua assistente, em vez de parceira.

Aqueles dias tinham acabado.

Estava protelando novamente, admitiu, e passou os dedos pelo cabelo castanho curto e espetado.

Ela se forçou a preencher os relatórios de despesas e submeteu-os à instância superior. Aquele abacaxi teria de ser descascado por outra pessoa agora, decidiu, e se sentiu quase virtuosa. Não havia razão para ela não terminar as avaliações individuais mais tarde.

— Tarefa concluída. Computador, desligar!

Impossível atender ao seu comando.

— Já terminei.

Declaração incorreta. Comando anterior determinou que todos os relatórios e avaliações devem ser completados antes do desligamento do sistema.

Tal comando, estipulado pela tenente Eve Dallas, em caráter prioritário, só poderá ser revogado, segundo ela determinou, em situação de incêndio, ataque terrorista, invasão alienígena ou algum caso aberto de homicídio que exija a sua intervenção imediata...

Caraca, ela tinha realmente programado aquilo?

Material com direitos autorais

— Mudei de ideia.

O comando anterior especifica que ele não deve ser revogado; mudanças de ideia, fadiga, tédio e outras desculpas esfarrapadas não são aceitáveis como contraordem...

— Vá se foder! — murmurou Eve.

Sistema incapaz de cumprir tal ordem...

— Tudo bem, tudo bem, já entendi. Computador, exibir avaliações anteriores, em ordem alfabética, de todos os oficiais sob o meu comando.

Ela resolveu se livrar logo da tarefa. Afinal, dera aquele comando para obrigar a si mesma a se manter na linha. E também porque cada um dos seus homens merecia o tempo e a atenção necessários para uma avaliação séria e criteriosa.

Tinha acabado a avaliação de Baxter, dos dois Carmichaels, e pegado a pasta de Jenkinson quando alguém bateu à sua porta.

— Sim, que foi? — Fez uma careta para Peabody quando sua parceira abriu a porta. — Alguma invasão alienígena?

— Não que eu saiba. Mas tem um sujeito muito abalado aqui, que afirma que só pode falar com você. Diz que é uma questão de vida ou morte.

— É mesmo? — Ela se animou. — Computador, revogação por situação de vida ou morte. Salvar os dados e arquivar tudo!

É necessária uma confirmação...

— Peabody, diga a essa porra de máquina que existe um ser humano que exige a minha atenção em uma questão de vida ou

Material com direitos autorais

morte.

— Ahn... computador, aqui fala a detetive Delia Peabody, que solicita a atenção da tenente em um assunto urgente.

Confirmação aceita. Salvando dados. Processando...

Irritada, Eve deu um tapa no computador com a base da mão.

— É lamentável quando o seu próprio computador não acredita na sua palavra.

— Foi você que inseriu essa ordem no sistema para não se esquivar da papelada.

— Mesmo assim. Chame o sr. Vida ou Morte.

Ele entrou quase correndo, um homem magro que lhe pareceu ter vinte e tantos anos. Exibia um emaranhado de tranças rastafári, usava uma bermuda vermelha larga, calçava chinelos com sola de gel, tinha uma argola de prata nos lábios e vestia uma camiseta clara desbotada que deixava de fora as tatuagens dos braços. O suor escorria pelo rosto magro e pálido.

— Você é Dallas? Tenente Eve Dallas, do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York? Divisão de Homicídios?

— Isso mesmo. Qual é o...

Ele caiu em prantos... lágrimas copiosas, entrecortadas por soluços.

— Ele disse... ele disse que eu só podia falar com você. Tinha que encontrá-la. Ele a pegou. Ele pegou Julie. Ele vai matá-la se você não vier comigo. Ele me deu uma hora, e levei metade disso só para chegar aqui.

Suas palavras se atropelavam umas às outras, entre soluços e tremores. Eve se levantou da cadeira e o fez se sentar nela.

Material com direitos autorais

— Respire fundo e fale mais devagar. Qual é o seu nome?

— Eu me chamo Tray. Tray Schuster.

— Quem é "ele"?

— Não sei. Um sujeito que apareceu na minha casa. Na *nossa* casa. Julie se mudou na semana passada. Ele já estava lá dentro quando nós acordamos e nos amarrou. Depois tomou o café da manhã e... isso não importa. Você tem que vir comigo ou ele vai matá-la. Eu esqueci, eu esqueci! — exclamou, falando mais depressa. — Eu deveria dizer: "Já tocou o sinal do segundo round." Por favor, ele tem uma faca e vai enfiar em Julie. Se você não vier ou eu levar outra pessoa, ele disse que vai matar ela.

— Levar para onde?

— Para a minha casa. Quero dizer, para a *nossa* casa.

— Onde é a casa de vocês, Tray?

— Rua Murray, número 258.

O endereço fez algo se encaixar na mente de Eve, e com ele veio o embrulho no estômago.

— Apartamento 303?

— Isso mesmo. — Ele enxugou o rosto. — Como você...

— Fique aqui, Tray.

— Mas...

— Fique!

Ela saiu e foi para a sala de ocorrências.

— Peabody. — Examinou as mesas e o movimento. — Baxter, Trueheart, Carmichael, Sanchez. O que quer que estejam fazendo, parem e peguem o equipamento. O suspeito se chama Isaac McQueen. Ele fez uma refém, na rua Murray, 258, apartamento 303. O suspeito está armado e é extremamente perigoso.

Material com direitos autorais

Fornecerei dados adicionais no caminho, pois o suspeito me deu um prazo para agir. Carmichael e Sanchez, peguem a testemunha na minha sala e a mantenham trancada na viatura de vocês. Peabody, você vem comigo. Mexam-se!

— Isaac McQueen? — Peabody tentava acompanhar as longas passadas de Eve. — O Colecionador? Mas ele está em Rikers. Prisão perpétua.

— Confirme isso. Ou ele fugiu ou alguém está se passando por ele. É o apartamento onde ele morava. Onde ele mantinha...

Todas aquelas garotas. Tantas meninas!

— Ele pegou a companheira desse homem — continuou Eve, forçando a passagem para alcançar o elevador. — O rapaz foi enviado para falar comigo, especificamente. Fui eu que prendi Isaac, naquele apartamento.

— Mas não há alerta ou notificação de nenhum tipo sobre... Espere! — Peabody digitou algo no tablet. — Há um alerta interno no meio dos comunicados. Ainda nem informaram ao comandante. Isaac fugiu da prisão ontem. Matou um dos enfermeiros de plantão e conseguiu escapar, usando o uniforme e o crachá do morto. — Peabody ergueu os olhos do tablet. — Saiu caminhando com as próprias pernas.

— Vamos colocá-lo lá dentro outra vez. — Ela correu pela garagem até a viatura. — Informe o caso ao comandante Whitney. Ele já pode começar a bater de frente com a administração do presídio. Isaac não a matou — murmurou Eve, enquanto saía do estacionamento subterrâneo. — Ele não fugiu da prisão só para matar uma mulher aleatória. É inteligente, organizado e segue um plano; tem carências. Nunca mata as

Material com direitos autorais

vítimas, a menos que percam o controle ou não o satisfaçam mais. Ele as coleciona; não está interessado nessa Julie. Ela já passou da idade que o atrai.

Peabody terminou a mensagem para o gabinete do comandante antes de olhar para Eve.

— Ela é uma isca. Para pegar você.

— Sim, mas não faz sentido. Ele está encurralado, tal como antes.

Realmente não fazia sentido, refletiu Eve mais uma vez, mas ordenou que Peabody enviasse policiais ao local, como reforço.

Eve olhou para o smartwatch que o marido lhe dera e ligou o comunicador.

— Carmichael, quero que você e Sanchez cubram a parte dos fundos do prédio. Pedi reforço, já está a caminho. Baxter, você e Trueheart vão entrar comigo e com Peabody. Usem o colete de proteção. Ele está à nossa espera.

Ela balançou a cabeça, acelerou e tirou um fino de dois táxis da Cooperativa Rápido.

— Não vamos encontrá-lo lá. Duvido que ele se deixe emboscar e prender desse jeito. Ele sabe que eu estou a caminho e que não vou sozinha.

— Talvez seja isso que ele quer que você pense, pode ser uma armadilha.

— Estamos prestes a descobrir.

Eve avaliou o lugar, um dos edifícios lúgubres que tinham sobrevivido às Guerras Urbanas para ser convertido em prédio residencial. O lugar já conhecera dias melhores — na verdade, esses dias tinham acontecido um século atrás —, mas ainda se

Material com direitos autorais

aguentava em pé, apesar dos tijolos rosados muito desbotados e das grades em ferro trabalhado nas janelas.

A entrada principal dava diretamente na calçada, com segurança mínima. Era um bairro operário, lembrou Eve; já era assim durante o reinado de Isaac. A maioria dos moradores chegava em casa no fim do dia, se recostava na poltrona com uma bebida e uma tela, e cuidava da própria vida.

Isaac também conseguira cuidar da sua por quase três anos. E a vida de vinte e seis meninas entre doze e quinze anos tinha sido maculada para sempre.

— Ele está com o modo privacidade ativado — avisou Eve. — Se está lá em cima, já sabe que estamos aqui. Deve ter feito muitos contatos e amigos na prisão. É charmoso, envolvente, astuto. É possível que esteja portando algo de alcance mais longo do que uma faca. Mantenham-se abaixados e movam-se com rapidez.

Ela confirmou a posição de Carmichael e deu sinal verde.

Bloqueando as próprias lembranças, ela se moveu como uma sombra e subiu os lances de escada com a pistola de atordoar em punho. Tinha a garganta seca, a mente focada.

— Deixe-me escanear a porta. — Peabody pegou o tablet. — Ele pode ter preparado alguma armadilha.

— A entrada dá na sala de estar, a cozinha fica ao fundo, e a sala de jantar, à direita. Há dois quartos, um à direita, outro à esquerda. O banheiro se liga ao quarto da direita. Há um lavabo à esquerda da cozinha. É um apartamento relativamente grande, com cerca de quinhentos metros quadrados.

— A leitura do scan veio limpa — avisou Peabody.

Material com direitos autorais

— Baxter, vá direto para os fundos. Trueheart e Peabody, peguem a esquerda. Vou entrar pela direita. — Ela assentiu para Trueheart, que carregava um aríete padrão, e contou até três com os dedos.

A porta quebrou nas dobradiças e os trincos cederam. Eve entrou agachada e com agilidade, focada no agora, e não no passado. Ouviu o som das botas pesadas quando sua equipe a seguiu até a sala.

Abriu a porta do quarto e fez uma varredura circular com a arma. Viu a mulher sobre a cama, mas continuou a avaliar o espaço — esquerda, direita, armário, banheiro, até que ouviu os membros da equipe gritando:

— Tudo limpo!

— Aqui! — chamou Eve, e se encaminhou para a cama. — Você está salva, está tudo bem. Somos da polícia.

Eve afrouxou a mordaça ao redor da boca ferida e ensanguentada da mulher, que emitia sons guturais, gemidos e sussurros incoerentes.

Ele a tinha deixado nua; seu padrão não mudara. Antes de Eve dar a ordem, Trueheart — com seu rosto jovem e bonito que irradiava compaixão — pegou a colcha fina do chão para cobrir o corpo trêmulo da mulher.

— Você vai ficar bem — disse ele, com um tom gentil. — Está em segurança agora.

— Ele me machucou. Ele me machucou.

Peabody se aproximou e desfez o nó do lençol que Isaac usara para prender as mãos da mulher em um gancho aparafusado na parte de trás da cama.

Material com direitos autorais

— Ele não pode mais machucar você agora. — Então se sentou na beira da cama, abraçou Julie e deixou que chorasse.

— Ele jurou que não me faria mal algum se Tray fizesse o que ele tinha mandado, mas acabou me machucando. Ele me estuprou e me machucou. E fez isso comigo.

Eve já havia visto o número em vermelho-sangue tatuado sobre o seio esquerdo de Julie, dentro de um coração perfeito.

Copyrighted image

— A ambulância já está a caminho — anunciou Baxter. Ele se afastou da mulher, que ainda soluçava nos braços de Peabody, e completou baixinho: — Vão trazer uma psicóloga. Você quer que eu chame os peritos para varrer este lugar?

Aquilo não ia servir de nada, pensou Eve. Ele não deixaria pista alguma sem segundas intenções. Mas fez que sim com a cabeça.

— Avise ao namorado da vítima que ela está segura. Ele pode encontrá-la no hospital. Você e Trueheart saiam do quarto, por favor. Peabody, pegue algumas roupas para Julie, mas ela ainda não deve vesti-las. — Parada aos pés da cama, esperou até que os olhos de Julie encontrassem os seus. — Eles precisarão examinar você primeiro, e teremos que lhe fazer perguntas. Sei que isso é

Material com direitos autorais

difícil. Saiba que Tray fez tudo que pôde para me encontrar o mais rápido possível e me trazer aqui.

— Ele não queria sair daqui. Implorou que o homem deixasse eu ir no lugar dele. Tray não queria me deixar aqui sozinha.

— Eu sei. O nome do homem é Isaac McQueen. Ele te disse alguma coisa, Julie, alguma mensagem que ele queria que você me repassasse.

— Ele disse que eu não era a mulher certa, não era... virgem, mas que ia abrir uma exceção. Não consegui impedi-lo. Ele me machucou, amarrou minhas mãos. — Ainda trêmula, ela estendeu os braços para mostrar os ferimentos nos pulsos. — Não consegui detê-lo.

— Eu sei. Julie, sou a tenente Dallas. Eve Dallas. O que Isaac queria que você me dissesse?

— Dallas? Você é Dallas?

— Isso mesmo. O que ele queria que você me dissesse?

— Ele mandou que eu lhe dissesse que você deve tudo a ele. E está na hora de pagar a conta. Quero ligar para a minha mãe. — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Quero a minha mãe.

Era tolice sentir-se inútil. Ela não poderia ter feito nada para impedir o que Julie Kopeski e Tray Schuster haviam enfrentado. Não podia fazer nada para diminuir a intensidade com que aquele trauma os marcaria.

Ela conhecia a patologia de Isaac McQueen e o seu estilo particular de tortura. Ele gostava de transmitir uma sensação de impotência e desespero às vítimas; gostava de convencê-las a fazer

Material com direitos autorais

exatamente o que lhes era ordenado, da forma e no momento que queria.

Eve não tinha sido uma das suas vítimas, mas entendia muito bem o processo.

Porque fora vítima de outra pessoa.

Não adiantava se lembrar daquilo nem pensar nas garotas que ela conseguira salvar. Ou nas que foram perdidas antes, doze anos antes, quando ela olhara no fundo dos olhos de um monstro e o reconhecera.

Em vez disso, chamou Tray de lado, no hospital.

— Eles precisam examiná-la, e Julie terá de conversar com uma psicóloga.

— Ai, meu Deus. Eu não deveria tê-la deixado lá.

— Se você não a tivesse deixado, ela estaria morta e você também. Ela está viva. Está ferida e foi violada, mas está viva. Vocês precisam se lembrar disso, vocês dois, porque estar vivo é melhor. Você disse que ele já estava dentro do apartamento quando vocês acordaram.

— Isso mesmo.

— Conte-me como foi.

— Nós dormimos demais, pelo menos foi o que eu pensei...

— A que horas você acordou?

— Não sei exatamente. Acho que eram quase oito da manhã. Eu me virei e pensei: "Cacete, nós dois vamos nos atrasar para o trabalho." Eu me senti estranho, meio alterado, como se tivéssemos bebido muito na noite anterior. Só que não consumimos nada — completou ele, depressa. — Juro. Julie não consome nem mesmo zoner.

Material com direitos autorais

— Vamos precisar fazer um exame toxicológico nos dois — avisou Eve.

— Juro, não usamos nada. Eu contaria. Ele deu alguma coisa a Julie, foi o que ele mesmo disse, só que...

— É provável que ele tenha drogado vocês. Vamos descobrir o que ele usou. Ninguém vai incomodá-los por causa de possíveis drogas ilícitas, Tray.

— Ok. Ok. Desculpe. — Ele esfregou o rosto com força. — Fui eu que estraguei tudo. Não consigo pensar direito.

— O que você fez quando acordou?

— Eu... Eu disse a Julie para ela se levantar, cutuquei ela, sabe? Mas ela continuou apagada. Eu a rolei para o meu lado e vi a fita adesiva grudada em sua boca. Achei que era alguma brincadeira e comecei a rir. De repente, ele estava ali dentro, cara, é tudo que sei. Ele me agarrou pelos cabelos, puxou minha cabeça para trás, encostou uma lâmina na minha garganta. Perguntou se eu queria viver. Se eu queria que Julie vivesse. Ele disse que não havia necessidade de ninguém se machucar, eu só precisava fazer tudo que ele mandasse. Eu devia ter reagido.

— Isaac é uns trinta quilos mais pesado que você, talvez mais. Tinha uma faca encostada na sua garganta. Se ele tivesse te matado, você acha que Julie estaria viva?

— Não sei. — Lágrimas continuavam escorrendo de seus olhos, mais depressa do que ele conseguia enxugá-las. — Talvez não. Eu estava assustado. Disse a ele que não tínhamos muito dinheiro, mas ele poderia pegar o que quisesse. Ele me agradeceu, foi muito educado. Isso foi o mais assustador. Ele pegou uma dessas algemas de plástico; mandou que eu as colocasse e me

Material com direitos autorais

sentasse no chão, aos pés da cama. Foi o que fiz, mas Julie continuava totalmente apagada. Ele me disse que havia lhe dado algo para fazê-la dormir enquanto nós dois conversássemos. Ele me disse para prender as algemas em um dos pés da cama e me entregou outras para eu colocar nos tornozelos. E colou fita adesiva na minha boca. Mandou que eu me sentasse ali e ficasse calado porque ele voltaria em um minuto.

— Ele saiu do quarto?

— Saiu. Tentei me soltar, mas não consegui. — Com ar distraído, ele esfregou as marcas vermelhas nos pulsos. — De repente, comecei a sentir um cheiro de café. O canalha estava na cozinha preparando café! Voltou com uma caneca e uma tigela de cereais. Tirou a fita da minha boca e se sentou. Começou a me fazer perguntas enquanto tomava seu café da manhã. Quantos anos eu tinha, qual era a idade de Julie, há quanto tempo estávamos juntos, quais eram os nossos planos; perguntou há quanto tempo nós morávamos naquele apartamento. E quis saber se conhecíamos a história do lugar.

Tray se obrigou a respirar fundo, estremeceu ao expirar.

— Ele continuou sorrindo, como se fosse um cara legal. Como se realmente quisesse nos conhecer.

— Por quanto tempo vocês conversaram?

— Ele falou a maior parte do tempo, não sei. Foi algo surreal, entende? Ele me disse que aquele apartamento já tinha sido dele, mas explicou que estivera fora durante muito tempo. Disse que não gostou da cor que escolhemos para pintar o quarto. Meu Deus!

Ele hesitou e olhou para a porta da sala de exames.

Material com direitos autorais

— Quanto tempo terei de esperar antes de poder entrar?

— Ainda vai levar algum tempo. Julie acordou durante a conversa?

— Ele terminou de tomar o café da manhã e até guardou a louça. Quando voltou, ele aplicou alguma coisa nela. Eu surtei. Comecei a gritar e tentei me soltar. Pensei que ele fosse matá-la. Achei que...

— Ele não a matou. Lembre-se disso.

— Eu não podia *fazer* nada. Ele me deu alguns tabefes; nada forte, só uns tapas leves. Isso também foi assustador. Disse que se eu não me comportasse... porra... ele cortaria fora o mamilo esquerdo dela. Perguntou se eu queria ser responsável por isso. Ele tinha um desses ganchos que Julie usa para pendurar plantas e outras coisas, e o aparafusou na parede. Usou os lençóis para amarrá-la e a pendurou no gancho de tal jeito que Julie estava sentada quando acordou. Ela ficou com muito medo. Dava para ouvi-la tentar gritar atrás da fita adesiva, e ela lutava para se desvencilhar dos lençóis. Foi então que ele colocou a faca na sua garganta, e ela parou na mesma hora.

"Ele disse: 'Boa menina.' Depois me explicou que havia dois desfechos possíveis. Ele poderia retalhar Julie... mamilos, dedos, orelhas... pequenos pedaços poderiam cair no chão do quarto até que ela estivesse morta. Ou eu poderia aceitar o prazo de uma hora para ir até a Divisão de Homicídios da Central de Polícia para falar com a tenente Eve Dallas, entregar um recado e voltar com ela até o apartamento. Se eu levasse mais tempo que isso ele mataria Julie. Se eu falasse com mais alguém, ele mataria Julie. Se eu tentasse usar um *tele-link* em vez de falar com você

Material com direitos autorais

pessoalmente, ele mataria Julie. Eu disse a ele que faria tudo que ele quisesse, mas que, por favor, a soltasse. Pedi que deixasse Julie lhe entregar a mensagem, no meu lugar."

Ele teve que enxugar novas lágrimas dos olhos.

— Eu não queria deixá-la ali, sozinha com ele. Mas ele me disse que, se eu tornasse a pedir isso ou fizesse qualquer outra coisa... se eu o questionasse de alguma maneira, ele arrancaria o primeiro pedaço dela, para eu aprender a lição. Acreditei nele.

— Você fez bem em acreditar, Tray.

— Ele me explicou o que dizer e me fez repetir o recado várias vezes enquanto mantinha a faca encostada em Julie. Depois me soltou, chutou algumas roupas e os chinelos em cima de mim. Sessenta minutos, ele disse. Se eu demorasse sessenta e um, ela estaria morta, já que eu não tinha conseguido seguir as instruções. Eu tive que correr. Não tinha dinheiro nem cartão nem fichas de crédito, nada para pegar um táxi, nem para o ônibus. Talvez se eu tivesse procurado outro policial, se eu tivesse agido mais depressa, ele não teria tido tempo de machucá-la.

— Talvez. Mas também pode ser que ele tivesse cortado a garganta de Julie. Isso não demora muito. Ela está viva. Conheço esse homem, e você pode acreditar em mim quando eu digo que ele poderia ter feito coisas muito piores.

Ela pegou um cartão pessoal e o entregou a ele.

— Vão precisar conversar com alguém sobre o que aconteceu com vocês. Alguém que não seja policial. Pode me ligar quando se sentirem prontos, e eu vou lhe dar alguns nomes.

Ela foi embora, pensando na papelada que tinha deixado para trás. Havia desejado um assassinato, lembrou-se, e conseguiu algo

Material com direitos autorais

muito mais complicado.

Ao chegar à Central, Eve usou a sala de ocorrências para fazer uma breve e detalhada descrição de Isaac McQueen.

— O suspeito é um homem de trinta e nove anos, olhos azuis e cabelos castanhos, embora troque de cor regularmente. Tem um metro e noventa, pesa quase cem quilos. Treinou e é adepto de lutas em geral, incluindo vários tipos de artes marciais, e se manteve em forma na prisão.

Ela mostrou a ficha de Isaac na tela e analisou as rugas que os doze anos passados dentro de uma cela tinham cavado em seu rosto. Eve sabia que as mulheres o achavam bonito e charmoso, com um sorriso sedutor e atrevido. As meninas confiavam nele por causa dos traços meio femininos, dos lábios carnudos e das covinhas.

Ele usava aquilo, todos aqueles atributos, para atrair suas presas.

— Ele prefere facas como arma e meio de intimidação. Sua mãe era viciada, uma vigarista de considerável habilidade que o iniciou no crime. Eles tinham um relacionamento incestuoso e muitas vezes trabalhavam como se fossem um casal. Foi ela que alimentou o seu vício por meninas. Juntos, sequestraram, estupraram, torturaram e, mais tarde, traficaram ou descartaram muitas vítimas, até que o corpo de Alice Isaac foi retirado do rio Chicago no outono de 2040. Sua garganta fora cortada. Embora Isaac nunca tenha admitido o assassinato, todos o consideram culpado. Ele devia ter dezenove anos na época.

Material com direitos autorais

"Ele também é considerado responsável pelo sequestro de pelo menos dez menores, sexo feminino, na região da Filadélfia e também de Baltimore; e pelo assassinato de Carla Bingham, na Filadélfia, e Patricia Copley, em Baltimore. Essas duas mulheres, quarenta e cinco e quarenta e dois anos, respectivamente, eram viciadas com as quais Isaac se associou, viveu e caçou durante o tempo que passou nessas cidades. Ambas foram encontradas em rios, com a garganta cortada. Devido à falta de provas ou à falta de coragem dos respectivos promotores locais, Isaac nunca foi acusado desses crimes."

Mas ele os cometeu, pensou Eve. *E muitos outros*.

— Entre 2045 e 2048, ele usou Nova York como local de caça, em parceria com Nancy Draper, uma mulher de quarenta e dois anos viciada numa droga conhecida como funk. Durante esse período ele refinou suas habilidades e acrescentou seu toque pessoal. Ele e Draper moravam em um apartamento no Lower West Side. Bancavam seus vícios e estilos de vida com golpes, identidades falsas e fraudes eletrônicas, outras das habilidades que ele tinha desenvolvido. A essa altura, ele já não vendia suas vítimas, mas as mantinha em cárcere privado. Vinte e seis meninas entre doze e quinze anos foram sequestradas em Nova York, estupradas, torturadas, espancadas e sofreram lavagem cerebral. Ele as mantinha acorrentadas em um quarto daquele apartamento. O lugar era à prova de som, e as janelas eram vedadas. Durante a sua fase nova-iorquina, ele marcava suas vítimas com um número tatuado dentro de um coração sobre o seio esquerdo. Vinte e duas jovens foram encontradas naquele quarto.

Eve ainda conseguia vê-las, cada uma delas.

Material com direitos autorais

— As quatro últimas nunca foram encontradas, nem os corpos foram recuperados. Até suas identidades são desconhecidas, já que ele geralmente caçava meninas fugitivas.

"Ele é um sociopata muito inteligente e metódico, um predador pedófilo, um narcisista com capacidade de assumir inúmeras personalidades. Usa as substitutas da mãe como apoio, disfarce, para alimentar o próprio ego, e depois as elimina. O corpo de Nancy Draper foi retirado do rio Hudson dois dias após a prisão de seu assassino. Ela já estava morta havia três dias. Era provável que Isaac estivesse se preparando para a próxima jogada, fosse sair de Nova York ou simplesmente encontrar outra cúmplice."

Eve apostava numa nova cúmplice.

— Ele não confessou nada, mesmo após intenso interrogatório. Foi condenado por várias acusações de sequestro, cárcere privado, estupro e agressão. Foi condenado a várias sentenças de prisão perpétua, a serem cumpridas aqui no planeta, mas sem possibilidade de liberdade condicional. Foi transferido para a Penitenciária de Rikers, onde todos os relatórios afirmam que era um prisioneiro de comportamento exemplar.

Ela ouviu um dos homens emitir um som de nojo e escárnio, e, como sentia o mesmo, não fez nenhum comentário.

— Foi um prisioneiro modelo até ontem, quando cortou a garganta de um enfermeiro e escapou. Em seguida, voltou ao seu antigo apartamento, amarrou e amordaçou os atuais moradores, ameaçou o casal e, depois de obrigar a vítima masculina a me procurar, espancou e estuprou a mulher, deixando-a com a tatuagem em formato de coração com o número 27.

Material com direitos autorais

"Isaac os deixou vivos porque queria que entregassem mensagens. Ele voltou e pretende continuar de onde parou. Esse não é um caso de homicídio — acrescentou. — Oficialmente, essa investigação não é nossa.

Ela viu Baxter se endireitar em sua mesa.

— Tenente...

— Porém — continuou no mesmo tom —, quando um psicopata como Isaac me envia uma mensagem, eu presto atenção. Espero que cada um de vocês faça o mesmo. Leiam o histórico do caso. Peguem uma foto. Onde quer que estejam trabalhando ou com quem encontrem e conversem, seja uma testemunha, um informante, uma vítima, um suspeito, outro policial, o vendedor de cachorro-quente de soja na carrocinha da esquina, mostrem a foto dele. Mantenham os olhos e ouvidos atentos. Ele já está caçando a vítima número 28.

Eve saiu em direção à sua sala. Precisava de um minuto e planejava fechar os olhos por alguns instantes quando ouviu os passos de Peabody atrás dela.

— Preciso redigir o relatório, Peabody, para depois entrar em contato com o comandante. Leia a ficha de Isaac.

— Já li tudo. Estudei o caso minuciosamente quando ainda estava na Academia. Você mal tinha se formado quando o encontrou. Ainda usava farda. Foi o seu primeiro caso importante. Você...

— Eu estava lá, Peabody, me lembro dos detalhes.

Os olhos escuros de Peabody permaneceram firmes, o rosto quadrado muito sério.

Material com direitos autorais

— Você sabe *quem* ele é, *o que* ele é, *como* ele é. Então você sabe que ele quebrou o padrão usual para lhe enviar uma mensagem. Você custou a ele doze anos de vida, Dallas. Ele vai atrás de você.

— Talvez, mas eu não sou o tipo dele. Passei da puberdade há muito tempo. Não sou ingênua, burra nem indefesa. É muito mais provável que ele considere isso uma competição; ele precisa me vencer. E há uma cidade cheia de meninas para ele capturar e me fazer pagar por esses doze anos.

Cansada, ela se sentou.

— Ele não quer me ver morta, Peabody, pelo menos não por enquanto. Ele quer provar que é mais esperto do que eu. Quer me humilhar, pelo menos por algum tempo. É assim que ele vê as coisas: uma humilhação para mim, já que ele já deu início a uma nova coleção.

— Ele deve ter estudado você. Ele acha que te conhece, Dallas, mas não conhece.

— Vai me conhecer até o fim dessa história. Olha, estamos em cima da hora. Vá vestir o seu uniforme.

— Podemos adiar a cerimônia e começar a trabalhar no caso.

Embora ter uma medalha colocada no peito fosse a última coisa que Eve quisesse naquele momento, quando ainda se lembrava do rosto triste de Tray Schuster e dos olhos vidrados de Julie Kopeski, ela balançou a cabeça.

— Não vamos adiar nada, esse caso não é nosso. — Mas Eve pretendia lutar com determinação para consegui-lo. — Agora, largue do meu pé, também preciso trocar de roupa. Você não é a única que vai receber uma medalha hoje.

Material com direitos autorais